

Nascido quase com o Brasil, o Rio Vermelho guarda em seus recantos esquecidos e em suas praias históricas uma tradição popular, renovada todos os anos através do rito fervoroso dos pescadores nas engalanadas procissões no mar.

## RIO VERMELHO



# A MORADA DA DONA DO MAR

Bairro de passado histórico, o Rio Vermelho está registrado desde 1509, época em que ali se estabeleceram os franceses comerciando o pau brasil. O antigo rio de águas sujas, margeado por uma densa vegetação, contornava um importante aldeamento de índios no tempo da catequese. Depois de ter sido um modesto e pitoresco arrabalde de pescadores é, hoje, um bairro com características nobres e populares ao mesmo tempo.

Banhado pelas praias e todo contornado de morros, o lugar vai enfrentando os problemas comuns a todos os bairros da cidade, crescendo e progredindo, com o aparecimento de casas comerciais e conjuntos residenciais que, aos poucos, encobriram a pacata imagem do povoamento de pescadores. O rio se junta com o mar e empresta também ao bairro um pedacinho de praia doce, testemunhando com sua mudez as tímidas declarações da juventude que diariamente vai àquele ponto para "curtir uma paquera", como confirma a estudante Nívea Ferreira.

### O Morro Histórico

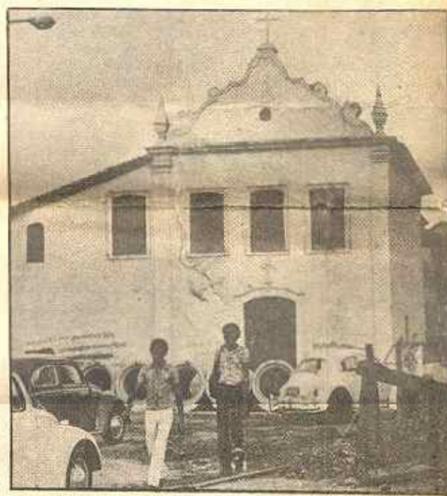
Dentre os morros que dominam a paisagem, destaca-se especialmente o Morro dos Conselhos, pela sua tradição histórica. Alguns historiadores dizem que o nome está ligado ao fato de ali ter sido realizada uma assembleia dos chefes sítiantes da Bahia, quando era dominada pelos holandeses. Daquela época até hoje o pequeno recanto desenvolveu-se totalmente, tornando-se num dos pontos mais conhecidos da cidade, acolhendo residências de personalidades ilustres como Jorge Amado, Dorival Caymmi, Genner Augusto, entre muitas outras.

A exemplo de quase todos os bairros, o Rio Vermelho é, também, um lugar de contrastes, apresentando um cenário de modernas e luxuosas residências, altos e sofisticados edifícios, ao lado de humildes moradias. Enquanto uns desfrutam de modernas e amplas avenidas que se deitam preguiçosamente perto do mar azulado, outros lamentam da lama avermelhada ou do pó amarelado que se espalham, levando a sujeira e o abandono. Diana Pinto, por exemplo, artista plástica com atelier estabelecido na rua da Paciência, tem suas mágoas.

— Quando chove, o estado em que a rua fica é uma tristeza, e quando faz sol, é uma poeira que dá dó. Esse trecho do Rio Vermelho, apesar de muito bonito, está esquecido. Na época dos turistas, é uma vergonha, quando chegam e encontram essa podridão num lugar tão conhecido. Isso sem contar com o aspecto do fechamento da rua, há mais de um ano, que vem impossibilitando nosso trabalho nesse local.

### O Abandono das Ruas

Com uma população de 25 mil habitantes, uma praia bem pertinho, um "excelente serviço de transportes", os moradores não têm

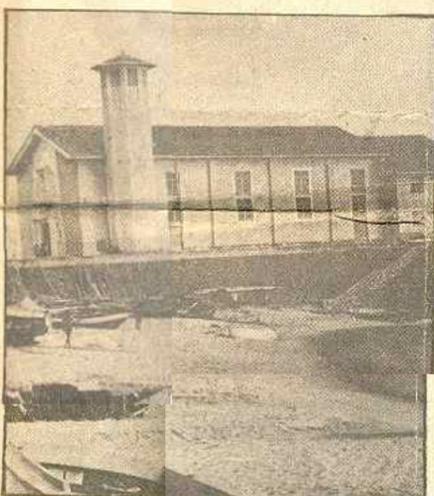


A IGREJINHA DEIXOU DE SER CENTRO CATÓLICO

muito de que se queixar. Para dona Eulália da Silva, morar no Rio Vermelho é "morar no paraíso".

— Muito bem servido de escolas, o bairro conta com diversos órgãos educacionais públicos e particulares, como a Escola Ana Nery, Alfredo Magalhães, Tomás de Aquino, São José, entre outras mais. No serviço médico hospitalar contamos com várias clínicas, posto médico, serviço odontológico e maternidade.

As queixas da grande maioria da população estão voltadas para o abandono das ruas e das praias, tão decantadas pela sua beleza, outrora natural e ingênua. Miguel Augusto, um comerciante do bairro, desfila um rosário de lugares esburacados e sujos.



UMA NOVA IGREJA, SEM HISTÓRIA OU TRADIÇÃO

— Quando chove há lugares que ficam intransitáveis. Tem ruas que nunca viram asfalto, como a travessa Antônio Seabra, o tão falado Parque Cruz Aguiar, a rua Teófilo Falcão. É uma infinidade, moça, apesar de reconhecer que existem, também, avenidas amplas e asfaltadas.

### O Folclore Está Morrendo

Muito antes do atual desenvolvimento, o bairro tinha conhecidas características folclóricas, como, por exemplo, o "Bando Anunciador do Rio Vermelho", feito por antigos moradores, credenciado como o "grito de carnaval do bairro". Começava cedo, desde dezembro, com quermesses, jogos, desfiles, tudo isso

guardado na lembrança saudosa de Bernadete Bastos, moradora do bairro há 24 anos.

— Eram alegres farranços de moças e rapazes, em festa pelas ruas próximas das praias e nas vizinhanças do largo de Santana. Tinha sempre carros alegóricos, sendo que um deles levava crianças, outro levava a rainha, outros enfeitados realçando alguma alegria. Tinha também o arauto, vários rapazes e moças, vestidos rigorosamente com trajes folclóricos, desfilavam em cavalos, enquanto os mascarados bebiam nas casas dos amigos — nesse dia todo mundo era amigo — dançavam e brincavam a valer.

Ela conta que o pequeno carnaval era patrocinado pelos moradores do próprio bairro através do "livro de ouro", coordenado pelos organizadores da festa.

— Hoje em dia ninguém mais quer contribuir, os novos não querem tomar essa responsabilidade, os velhos juizes estão idosos demais, ou morreram, quem sabe. A cada ano a festa foi desaparecendo e nesse último ano já não foi realizada. É uma tradição que morreu.

### Senhora das Águas

— Tem muita gente que não acredita, mas não acredita porque não quer. Eu mesmo já vi a dona das águas, é uma mulher muito bonita, toda de branco, com longos cabelos negros, que veio me agradecer por ter colocado nos braços da imagem, obra do artista Mané Bonfim, um grande ramalhete de flores. Se existe gente governando a terra, por que não existe quem governe o mar?

Quem fala assim é o velho pescador aposentado, Flaviano dos Santos, que mora há quase 50 anos no Rio Vermelho. Há dez anos ele organiza os festejos de Iemanjá, providenciando e colocando as alegorias do presente principal à rainha das águas, protetora dos pescadores.

A lenda diz que a festa teve sua origem numa visão de pescadores em alto mar, que, a partir daí, começaram a render homenagens à deusa, levando-lhe presentes e consagrando-lhe o dia dois de fevereiro. A festa começa cedo, no romper do dia, quando ri-bombam os fogos, saudando a alvorada e a senhora do mar.

A casa de Iemanjá, tímidamente erguida na beira da praia, toda enfeitada de flores, recebe os visitantes e os fiéis que vão colocar nos balaios, previamente arrumados, os presentes para a santa. Daí, os saveiros levam as ofertas para o alto mar, onde serão "jogados nos braços da protetora", como diz fervorosamente o velho Flaviano. A festa entra pela noite com samba e muita cerveja rapidamente consumida pelas milhares de pessoas que se misturam nas barracas armadas ao redor do largo.

